

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

31/12/87

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI

## O reveillon de 1924

Imagine Mauá em 1924. Já lá se vão 63 anos. A cidadezinha, pouco mais de dois mil habitantes, sequer se chamava Mauá.

Era Pilar (a mudança do nome veio em 1926). E naquele 31 de dezembro de 1924 a cidade teve o seu *reveillon*, chamado de *soirée dançante*, promoção da AA Industrial, clube oficializado três anos antes, em 1º de outubro de 1921.

Como documento ficou o convite da atividade, guardado por Dárcio Leardini, neto de Albertino Branco da Silva, industrialino histórico. Um convite, aliás, muito bem feito,



com figura em alto relevo e outros babados mais.

Naquele 1924 não havia ao menos um grande salão de bailes em Pilar. Os encontros dançantes – como se dizia – eram feitos nas casas das pessoas, nas fábricas (como a Fábrica Grande, de louças, onde nasceu o Industrial) e no casarão habitado no século passado por Irineu Evangelista de Souza, o célebre Barão de Mauá, idealizador da estrada de ferro que liga Jundiá a Santos. Por certo, a *soirée dançante* do último dia de 1924 foi no casarão, hoje transformado em casa de cultura e museu.

Detalhe: nos bailes de então a decoração era à base de flores naturais. Servia-se bolo e chá e muitos dos músicos eram da cidade mesmo. Eram os tão próximos – e longínquos – anos 20, 30, 40.

Reprodução - J.B. Ferreira

*A. A. Industrial deseja  
a V. S. e Exma. Família boas  
festas e feliz entrada de anno  
novo.*

*Pilar 1924-1925*

A. A. INDUSTRIAL

Fundado em 1-10-1921

Soirée Dançante

Mmo. Sr.

É com grande prazer que convidamos V. S. e Exma. Família, a tomarem parte no baile que esta associação oferece aos seus associados, a realizar-se no dia 31 de Dezembro, no Salão do costume.

Esperando que V. S. e Exma. Família nos honrará com sua presença em nossa modesta festa, antecipadamente agradecemos.

A. A. Industrial  
Pilar, 15 de Dezembro de 1924.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

13/11/0687

Cl:

Assunto: Personagens do campo grande

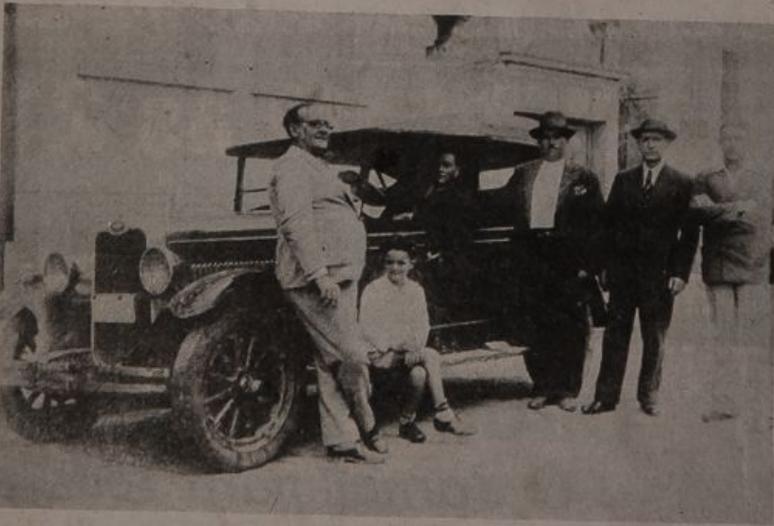


## Torcedores de Campo Grande

Em 4 de fevereiro de 1939 o Campo Grande jogou em Mogi das Cruzes e seus torcedores fizeram caravana para acompanhar o time. Entre os torcedores, vários nomes antigos do lugar, como o comerciante João Panillo, outro comerciante Santinho Carnavale, José de Almeida e Miguel Crescenço. Todos eles foram ao jogo no carro novo de Carnavale. Em Mogi, no centro da cidade, tiraram esta foto, batida pelo *photographo* F. O. Schmit.

Paschoalino Assumpção e Roberto Botacini identificaram os personagens. Da esquerda para direita: João Panillo, o menino Giá como Panillo, Santinho Carnavale (ao volante), José de Almeida, Miguel ou Domingos Crescenço e Henrique Pistoche.

Santinho Carnavale, que anos depois seria prefeito de Ribeirão Pires, tinha um armazém em Campo Grande e lidava com o despacho de madeira diretamente da estação. depois passou o armazém para o cunhado João Panillo e continuou só com o negócio de madeira. A foto ilustrará livro sobre Rio Grande da Serra que está sendo escrito por Roberto Botacini.



Reprodução-Alberto MURAYAMA

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

14/11/87

Cl:

Assunto: Político

Ademir MEDICI

## A posse de Felício Laurito

17 de agosto de 1936. Felício Laurito, médico de Ribeirão Pires, toma posse à frente da Prefeitura de São Bernardo, que funcionava em Santo André. O Grande ABC

era um único Município, criado em 1888 - há quase 100 anos, portanto - e tinha o nome de São Bernardo. O atual Município de Santo André era um dos distritos locais, o que se oficializou em 1910.

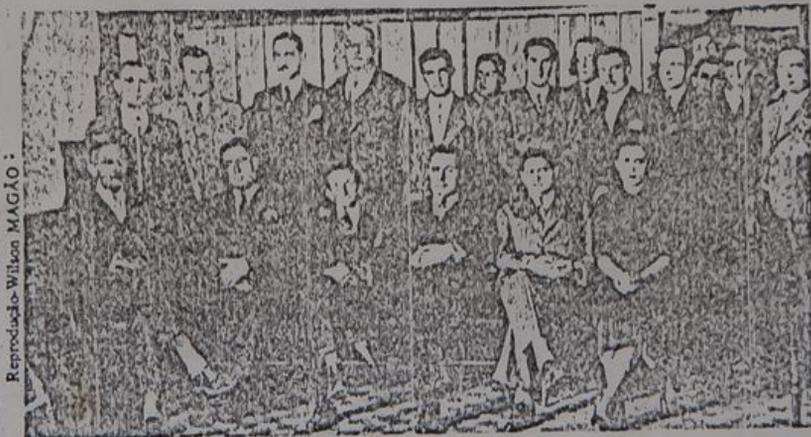
A eleição de Laurito foi indireta. Naquela época, o povo elegia seus vereadores e estes se encarregavam de eleger o chefe do Executivo. Felício Laurito foi duas vezes prefeito.



Foi presidente do Ribeirão Pires FC. Faleceu tragicamente na década de 1940, afogado numa praia de Santos.

A foto mostra a posse de Felício Laurito, em 1936. Foi cedida por Euclides Menato. Aparecem, sentados, da esquerda para a direita: Antonio Fláquer, Antonio Petransan, coronel Alfredo Fláquer, Felício Laurito, Generoso Alves Siqueira e Maria Bergamini Laurito; em pé, na mesma ordem: (?), Pedro Dell'Antonia, Octavio Tegão, Juca Fláquer, (?), (?), (?), Fioravante Zampol, Humberto Menato, (?) e Francisco Perrone.

Do grupo, vários nomes foram, posteriormente, prefeitos de Santo André: Antonio Fláquer (o Tonico Fláquer, eleito também deputado estadual), Pedro Dell'Antonia e Fioravante Zampol.



Reprodução - Wilson MAGÃO :



## Uma cooperativa sindical

12 de julho de 1942. Neste dia é fundada em Santo André a Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores Sindicalizados. O

ato foi realizado num barracão da Coronel Oliveira Lima que servia de sede ao Primeiro de Maio FC. O ato significou, mais do que mera conquista assistencialista, o início da abertura política das entidades sindicais da cidade, segundo Miguel Guillen, que cedeu a foto. Isto porque, até então, e desde a decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, era proi-

bida aos sindicatos a realização de reuniões conjuntas. Com a cooperativa, tais reuniões começaram a se efetivar na prática. Resultado: em 1943 ocorreu o movimento contra a guerra nazi-fascista e em 44 começou a luta pela libertação de presos políticos.

Aparecem na foto, entre outros, Rolando Fratti (presidente da cooperativa), Euclides Savietto, Rubens Lange (o Burrone), Francisco Fernandes, Alberto Zamignani, Miguel Guillen (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos), Victor Savietto, Gentil Tombolatti, Bruno Boschetti (hoje juiz do Trabalho), os Capajoni, os Saranz, Catarino e Penack ou Penate, um grande pedreiro de Santo André.



Reprodução: João COLOVATTI

*Constituição da Cooperativa de Consumo  
dos Trabalhadores Sindicalizados de  
Santo André em 12.7.1942*

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

17/11/87

Cl:

Assunto:



## São Bernardo, 1924 - final



Em 1924, as plantações margeavam o centro urbano diminuto da *Villa* de São Bernardo. Eram

casas isoladas, caminhos abertos e muitas plantações, com alguns pastos. Imagens como a da foto, então, eram muito comuns.

No entanto, há detalhes que podem ser percebidos na paisagem atual. À direita, ao alto, percebe-se uma via em curva recém-aberta e que por certo necessitou de aterro. Esta via tem o mesmo desenho até hoje, chama-se Olavo Gonçalves e dá acesso à Vila Gonçalves, cujo primeiro nome era Vila Tavares, do português João Domingues Tavares, que era jornalista e pai da artista plástica Odete Tavares Bellinghausen.

A partir da identificação desta via em curva é fácil detectar os demais pontos. Ao centro está o traçado da atual rua Joaquim Nabuco, à época Linha Jurubatuba, que ligava o centro ao Alvarenga. A casa maior ao centro, de paredes brancas, pertencia aos Negri e

era habitada por Cezar Empilha, que pagava aluguel. A outra casa, mais à esquerda e encoberta pela vegetação, era de Stela Sabatini. Bem à direita, também encoberta, está a casa que foi de Francisca Negri.

A vegetação acabou. No pasto à direita, junto a um córrego, foi construída a cooperativa da Rhodia. A grande colônia dos Negri foi urbanizada. Surgiu o prédio que foi de agência bancária e da Funerária Municipal e que hoje sedia o Departamento de Promoção Social. As plantações nas colinas cederam espaço a casas e sobrados.

A foto original pertence a Bruno Amadei. Foi descoberta pelo pesquisador Dario Negri, que a partir desta série de fotografias passou a integrar o grupo de moradores que se dedica ao resgate da memória de São Bernardo.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

18/11/87

Cl:

Assunto:



## Os bondes de S. Caetano



Reprodução-Alberto MURAYAMA

Maio de 1923. A Companhia Imobiliária São Bernardo inaugura, em São Caetano, uma estação e uma linha de bondes que ia até a casa do curandeiro Vicente, no atual Bairro Santa Maria. A estação dos bondinhos dos Pujol - donos da imobiliária - ficava ao lado da então estação da São Paulo Railway, hoje Rede Ferroviária Federal, em São Caetano. A estaçãozinha, na rua Serafim Constantino, dava frente para os fundos do prédio atual das Casas Bahia.

A foto, do Museu Municipal de São Caetano, mostra o dia da inauguração da estação dos bondinhos dos Pujol. Aparecem, ao centro, as bandeiras brasileira e paulista e à esquerda a bandeira dos Estados Unidos, talvez em função de os primeiros bondinhos terem motor Ford, que começava a abrir fábrica em São Paulo. As informações são do pesquisador Jayme da Costa Patrão, que levanta a história dos meios de transportes na região.

Os trilhos dos bondinhos pegavam a rua Central, depois rua São Caetano e hoje avenida Francisco Matarazzo. Subiam pela rua Virgílio de Rezende (hoje João Pessoa). Continuavam pela Amazonas toda até a avenida Goiás (antes chamada rua da Formicida). Pela Goiás os bondinhos continuavam até o portão nº 1 da General Motors. Ai pegavam uma picada (atual rua São Carlos) e subiam a Itamaraca (hoje alameda São Caetano). Subiam até a altura do atual 1.700, onde está o Grupo Escolar Rudge Ramos. Ali há uma pracinha. Os bondinhos contornavam a praça, deixavam os passageiros na capela do Vicente.

Foi feito um convênio entre o comendador Pereira Inácio, do Votorantim, e Roberto Simonsen, que estavam loteando a Vila Barcelona. Assim, os Pujol, no retorno, faziam com que os bondinhos descessem pela rua Alegre até a Goiás.

19/11/87

## A capela de Piraporinha

Piraporinha, no Grande ABC, é uma das localidades mais antigas. Seu nome aparece muitas vezes em documentos do século passado, por

exemplo. Infelizmente, na prática, a localidade pouco guardou, dos tempos idos. Como ponto de passagem, fazendo parte de Diadema e estando na divisa com São Bernardo, Piraporinha não guarda nada do seu passado de muito trabalho, muitas festas, quermesses inesquecíveis, procissões históricas. A própria capelinha de Bom Jesus da Pedra Fria desapareceu e cedeu lugar à atual igreja.

O pesquisador Waldir Augusti, que realiza levantamento histórico de Diadema, descobriu uma foto importante da capela, que mostra o tempo pouco antes de sua demolição, nos anos 60. A capela ficava no centro da praça principal de Piraporinha, exatamente no lugar hoje ocupado por uma cabine coletiva de telefones. O templo foi fundado em 1888, media 15 metros de frente e 30 de fundos. Ao lado existia um coreto onde bandas famosas apresentavam marchas e dobrados. Em baixo do coreto o guarda José Pichiguento prendia os bêbados e arruaceiros. E só soltava quando a quermesse chegava ao fim, depois das 10 da noite.



Piraporinha, e isto é interessante, não serviu como colônia de imigrantes italianos. Quando os italianos chegaram, a partir de 1877, Piraporinha já era formada, com as terras divididas entre famílias de há muito aqui radicadas. Os *brasileiros*, como eram chamadas. Daí porque eram famosas as festas, que atraíam todos os figurões da região a partir dos Fláquer famosos Santo André

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

20,11,87

Cl:

Assunto:



## Nasce a Matriz de Mauá



Reprodução: Maurício PAVAN

Foi assim: Mauá tinha sua antiga capelinha e resolveu construir a igreja maior - a atual Matriz - na mesma área. A comunidade se uniu e as obras começaram. A fachada da antiga capela, recuada em relação ao terreno, foi mantida junto ao altar-mór. E as paredes da igreja nova começaram a ser levantadas na área em frente.

Esta foto mostra bem como foi. Ao fundo está a fachada da capela e nas laterais as paredes da igreja. Neste dia, final da década de 40, foi realizada ali missa de sétimo dia pelos jogadores do Torino da Itália mortos em acidente de avião, conforme contamos em outra coluna. Assistem à missa jogadores, dirigentes e simpatizantes do Independente FC, que mandaram celebrar a cerimônia. A foto é do arquivo de Anselmo Walendy, à época presidente do Independente.

A área da capela e da igreja foi doada pela católica Maria Queiroz

Pedroso, a dona Mariquinha, em dezembro de 1948, ela que tinha muitas terras em Mauá. A área media 40x80. As obras da capela começaram em 1928 pelo padre Marcos Simoni e com a ajuda do povo, a maioria oleiros e carvoeiros, como conta o pesquisador Wanderley dos Santos, da Cúria Metropolitana de São Paulo. A pedra fundamental da nova igreja foi lançada em 4 de junho de 1944 pelo padre Antonio Negri. A festa de cobertura da igreja foi a 8 de dezembro de 1951.

Uma comissão de obras foi constituída, integrada por Antonio Germinali (presidente), Cícero de Campos Pova, Manoel Pedro Jr., Cornélio Gentili, João Pereira, Silvío Milanesi, Vitor Baglioni, Victorino Dell'Antonia, Luiz Nova, Alberto Ratti, José Boscardiol, Libérale Polisel, Tercilio Tamagnini, entre outros.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

21/11/87

Cl:

Assunto:

## Os imigrantes Zampol - IV



Afonso Zampol era o filho caçula de Domingos e Angela Zam-

pol. Casou, em 1910, com Tereza Bertoldo, natural de Ribeirão Pires. Tiveram 10 filhos: Zeferino, Maria, Ida, Higino, Olga, Zina, Iole, Domingos, Antonio e Renato. Domingos e Antonio eram gêmeos. Iole Zampol é quem está passando todas estas informações para a coluna.

Fiorelo, outro filho de Domingos e Angela, casou com a italiana Josefina Taglioli e tiveram oito filhos: Gildo, Irma, Hugo, Zilda, Aldo, Luiz, Irene e Lina.

Octávio Zampol casou com Ana Bertoldo, irmã de Tereza Bertoldo. Em 1911. Tiveram 15 filhos: Armando, Arminda, Adolfo, Maria Vitória, Rosa, Alba, Assunta, Mario, Osvaldo, Augusto, Matilde, Silvio, os gêmeos Dorival e Dirce e Raul.

Com tantos filhos, os Zampol se

transformaram numa das maiores famílias do Grande ABC. E, com isto, é natural que muitas histórias são contadas sobre seus componentes. O caçula Afonso era construtor, projetista, assinava plantas. Acompanhava uma obra desde os alicerces até o forro. Depois, carpinteiro e marceneiro que era, construía os móveis. Teve loja de móveis e era enérgico. Sentava à mesa e ninguém abria a boca para falar. Nunca bateu nos filhos mas defendia muito o moral. Tinha uma vida metódica. E adorava um bom vinho, que tinha de ser puro, de preferência do Sul. Tomava um copo no almoço e outro no jantar.

A foto de hoje mostra justamente a família de Afonso Zampol. Ele, a esposa Tereza e os nove filhos mais velhos. Seu caçula, Renato, não havia nascido ainda.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

22/11/87

Cl:

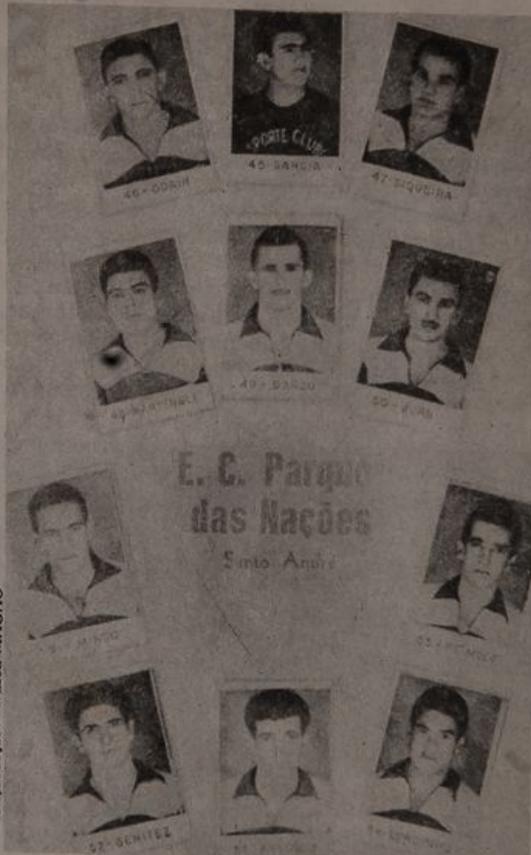
Assunto:

## EC Parque das Nações



O EC Parque das Nações foi fundado em 7 de outubro de 1930 e é hoje o quarto mais antigo clube de Santo André em funcionamento, representando um dos mais populosos e antigos bairros de Santo André, no segundo subdistrito da cidade. Na metade dos anos 50, tinha um timão e foi incluído em álbum de figurinhas que focalizou times da região e Baixada Santista. O álbum foi editado pela Morcilo & Bisquolo Ltda, firma

com escritório à rua Santa Catarina, em São Caetano. E poucos possuem um documento destes. A foto foi tirada de álbum emprestado pelo pesquisador Moacyr Antonio



Reprodução - Wilson MAGÃO

Ferrari, dono de acervo incrível em sua casa, em Mauá. O time do Parque: Garcia, Odair e Siqueira; Martinelli, Bonzo e Juri; Mingo, Benitez, Arlindo, Lordinho e Pé Mole.

Terça-feira: EC São Bernardo

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

24/11/87

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI

GRANDE ABC



MEMÓRIA

## EC São Bernardo



**E. C.  
São Bernardo**  
São Bernardo do Campo

O EC São Bernardo era chamado de Esporte, só isto, e já tinha uma tradição. Mais do que isto: tinha um excelente time de futebol, com o chamado trio de ouro do meio de campo: Peixe, Piola e Zanini. Metade dos anos 50. Eis o time, do álbum de figurinhas famoso mantido pelo pesquisador Moacyr Antonio Ferrari, de Mauá: Molão, Daré e Cacua; Peixe, Piola e Zanini; Odilon, Ponce, Chico, Souza e Gordinho. Nas figurinhas carimbadas, as mais difíceis, Piola (104) e Chico (108). O álbum foi lançado por uma firma de São Caetano: Morcilo & Bisquolo. O São Bernardo, hoje na II Divisão de Profissionais, foi fundado em 1928. E em 1931 foi eleito *O mais simpático do Interior*, promoção do

desaparecido Diário Nacional de São Paulo. Para o título, o Esporte conseguiu 58.344 votos. Um feito para a época.

---

**Amanhã: SE Gisela**

25/11/87



## Sociedade Esportiva Gisela

O Gisela de São Caetano foi fundado em 8 de outubro de 1953 e logo foi incluído no álbum de figurinhas da firma Morcilo & Bisquolo, editado por volta de 1955. O jornalista Edélcio Cândido, do Diário do Grande ABC, contou a história do Gisela em 1977 e lembrou de seus grandes feitos: campeão da Segunda Divisão de São Caetano em 1954, campeão amador da cidade em 1958 e 1975 e campeão da Copa Di Thiène em 1976. O time que aparece no álbum do pesquisador Moacyr Antonio Ferrari, de Mauá, é o seguinte, seguindo a antiga formação tática 2-3-5: Zinho, Orion e Cananã; Bonato, Marcos e Guerreiro; Narciso, Adolfo, Tom Mix, Geraldo e Três Potes. Destes 11 dois jogadores aparecem na seleção do Gisela descrita por Edélcio:



Adolfo e Narciso. Os outros grandes jogadores do Gisela em todos os tempos: José de Sá (jogador símbolo), Nelsinho, Cacetão, Rosinha, Nivaldo, Dilinho, Chico Parra, Boca, Orion e Salgado. O primitivo nome do Gisela era Sociedade Esportiva Gisela. Hoje é Centro Esportivo Recreativo Gisela.

Amanhã: AA Industrial

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

26/11/87

Cl:

Assunto:



## AA Industrial

A AA Industrial foi o único clube de Mauá lembrado no álbum de figurinhas com clubes da região e Baixada Santista lançado por volta de 1955 pela Morcilo & Bisquolo. E é justamente a página do Industrial a que o pesquisador Moacyr Antonio Ferrari, de Mauá, guarda com mais carinho. Eis o time: Elvio (que na cidade todos chamam de Helinho), Fernando e Grecco; Agostinho, J. Tornero e Heitor; Negrão, Andó, Alemão, Campos e Cizo. O grande líder Elvio Bernardi, chamado de o Obdulo Varella de Mauá - em alusão ao craque uruguaio que parou o Brasil na Copa de 50 - já havia abandonado o futebol e se dedicava de corpo e alma à política, como vice-prefeito mauaense. A década

Reprodução - Wilson MAGÃO



de 50 foi a grande fase do Industrial, fundado oficialmente a 1º de outubro de 1921 e que hoje possui excelente patrimônio e se prepara para contar sua história em livro.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

27/11/87

Cl:

Assunto:



A estação de Campo Grande da São Paulo Railway teve seus momentos de glória na primeira metade do século. Era um período de grande derrubada de matas no alto da Serra e o transporte do produto – lenha e madeira – era feito via estação. Até as estações as mercadorias eram transportadas através de caminhões.

Eram muitos os donos de caminhões em Campo Grande. A 2 de março de 1929, alguns destes proprietários enviaram ofício ao prefeito do então Município de São Bernardo (com abrangência sobre todo o Grande ABC, inclusive Campo Grande) pedindo para não pagar impostos. Isto porque a Prefeitura havia intimado cada proprietário de autocaminhões na estação de Campo Grande a pagar impostos de *veículos*.

No documento enviado ao prefeito, os donos de caminhões justificavam o pedido. Diziam que só tran-

## Movimento em Campo Grande



Reprodução: Alberto MURAYAMA

sitavam em estradas particulares que eles próprios conservavam. E que gastavam muito para isto. O ofício determinou a abertura de um processo administrativo na Prefeitura e não se sabe se foi deferido. Assinaram o documento: Carlos Tamagnini, Antonio Carnevale, Henriche Maurighetto, Spagneni Giorgio, Bruno Stufaldi, Angelo Mazini, Ramon Peres, Baptista Tolezano e Eugênio Rodrigues da Costa.

Na foto aparecem Eugênio Rodrigues com suas filhas, no pátio da estação de Campo Grande. A foto foi descoberta pelo pesquisador Roberto Botacini e identificada por outro pesquisador, Paschoalino Assumpção, de Santo André e que nasceu em Campo Grande.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

28/11/87

Cl:

Assunto:



## 1940. Atiradores da Villa



Reprodução: Alberto MURAYAMA

Estes jovens de São Bernardo serviam o glorioso Tiro de Guerra 34, sediado em Santo André. Todos os domingos, bem cedo, iam para a cidade vizinha onde participavam das instruções. Mas durante a semana ficavam na *Villa* mesmo, onde recebiam aulas à noite no velho casarão colonial da Praça Lauro Gomes. Era 1940.

O instrutor era o sargento Ritucci, de antiga família local. Isto facilitava tudo. Normalmente os jovens atiradores trabalhavam na própria *Villa*. À noite era fácil dar um pulo até o casarão e participar das aulas teóricas. Marchar, fazer treinos de campo, tudo isto ficava para o domingo na sede do TG, no Bairro do Ipiranguinha, em Santo André.

Em certas ocasiões, como nas festas religiosas do Largo da Matriz, os atiradores vestiam com orgulho a farda e se apresentavam na *Villa*, como no dia em que foi batida esta

foto, cedida por Felício José Zampieri. Na foto é possível observar, à esquerda, um pedaço do velho coreto do Largo da Matriz. E, na paisagem, as bandeirolas da festa.

Na foto estão, em pé, da esquerda para a direita: Edson Gerbelli, Mario Zequetti, Pedro Tozzi, sargento Ritucci, Alcides Medici, Milton Coppini, Antonio Coco, Silvio de Oliveira Lima (o Silvio Ribeirão) e Fisk. Agachados: Angelo Rafael José Lentini, Atilio Zoboli, Angelo Baraldi e Felício José Zampieri.

O TG 34, em Santo André, foi fundado em 1908. Em 1936 tinha a denominação de *Linha de Tiro Coronel Pedroso*, em homenagem a um dos mais de 100 fundadores, todos oficiais da antiga Guarda Nacional.

29/11/87



## União Lira Serrano

O União Lira Serrano, de Paranapiacaba, é resultado de dois dos mais antigos clubes do Grande ABC: o Lira da Serra (fevereiro de 1903) e o Serrano AC (dezembro de 1903). Lira e Serrano, conta o pesquisador Paschoalino Assumpção, se uniram em 1936, por exigência do Mr. Wellington, superintendente da São Paulo Railway. Assim foi possível construir uma única

sede para o novo clube, o União. O primitivo Lira não tinha futebol. Dedicava-se mais à música e à sua banda. O Serrano, mais novo, surgiu em função do futebol e foi o primeiro clube da modalidade no Grande ABC. Na foto, a página do álbum de figurinhas editado em meados dos anos 50 pela Morcilo &



Reprodução: Wilson MAGÃO

Bisquolo, de São Caetano, e pertencente ao pesquisador Moacyr Antonio Ferrari, de Mauá. Eis o time: Zé Bráz, Helio e Antoninho; Jacy, (?) e Humberto; Salinho, Vavá, Mendes, Ditinho e Colombo. A figurinha 137, carimbada e difícil, fica em falta nesta página. Alguém sabe de quem era?

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

29/11/87

Cl:

Assunto:

GRANDE ABC



MEMÓRIA

## Escola em Sto. André, 1904

Eram pequenos soldados com espadas de pau, todos com o cabelo bem aparado, roupinha-quase igual, bem calçados. Ao menos na hora da fotografia. Eram os alunos da Escola do Ypiranguinha (com Y mesmo) de 1904. Sim, 1904, a data da foto mais antiga que se tem conhecimento de um grupo de alunos na cidade. Santo André já tinha a estação ferroviária, inaugurada em 1867. Mas o núcleo residencial maior era no Ypiranguinha, em razão da fábrica de tecelagem do mesmo nome ali instalada e que chegou a atrair muita gente de fora, inclusive famílias inteiras de São Bernardo.

Voltemos à classe de 1904. A foto é da família Apolonio e foi emprestada por Ary Armando de Godoy,

casado com Wilma, uma das filhas de José Apolonio. José Apolonio nasceu em Santo André, a 9 de julho de 1897, sendo filho de Luiz e Amabile Apolonio. Seu José está na foto de 1904, juntamente com outros meninos de famílias antigas de Santo André que ainda não temos identificação completa. O professor, conta dona Tereza Paschoaletti Apolonio, viúva de José, era da família Fláquer.

José Apolonio trabalhou na Fiação e Tecelagem Santo André, empresa que ficava à rua Alfredo Fláquer, 26, e pertencia aos Gaiarsa. Aposentou-se como contramestre, depois de trabalhar na empresa 52 anos: de 3 de maio de 1909 a 10 de fevereiro de 1961. Seu casamento com dona Tereza foi a 18 de fevereiro de 22. Tiveram quatro filhos: Mario, Wilma, Oscar e Aristeu (o Ari). José Apolonio faleceu em 1980.



MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

2,12,87

Cl:

Assunto:

## A Prefeitura em 1931

Em 1931 o Grande ABC era um único Município, que tinha uma só Prefeitura e tão somente uma Câmara Municipal, com

bem menos vereadores. As despesas, evidentemente, eram bem menores que hoje, quando a região se divide em sete Municípios e tal. Mas, e em 1931, onde ficava a Prefeitura? Ficava em Santo André, no comecinho da rua Coronel Oliveira Lima, esquina com a avenida Queiróz dos Santos, muito próxima dos trilhos da SPR. Um prédio muito bonito, intacto até hoje e que deveria ser preservado pelo Poder Público municipal.

O prefeito, naquele 1931, era Armando Setti. E Antonio de Lima era um dos funcionários administrativos. Graças ao *seo* Antonio – que segunda-feira passada completou 30 anos de aposentadoria como tesoureiro da Prefeitura (portaria 1255, de 30/11/57) – foi possível guardar a foto que publicamos hoje, com os funcionários da Prefeitura em 1931. O próprio *seo* Antonio identificou os que estão na fotografia, que chegou à coluna por intermédio do pesquisador Paschoalino Assumpção.



Sentados, da esq. para a dir., aparecem: José Signorelli (fiscal), João Baumann do Nascimento (que chegou a ser diretor administrativo), Salvador Rocco (médico sanitário), Luiz Meira (engenheiro), prefeito Armando Setti, Paulo Paulista (advogado), Benedito Firmino de Lima, Luiz Lobo Junior (tesoureiro) e João Carlos Figueiredo (que chegou a ser diretor administrativo).

Em pé (primeira fila): Asdrubal do Nascimento, Antonio Monaco, Bernardo de Godoi (fiscal de obras), José Almeida Torres, José Brizola de Castro, Carlos Pezzolo (chegou a ser diretor administrativo), Quirino Mota Junior (chegou a diretor da Câmara Municipal), Nogueira, Antonio Rizzo, Luiz Furtado (chegou a diretor administrativo), Antonio de Lima (dono da foto), (?), Antonio Resse e Antonio Barbosa.

Ao fundo: Eloy Genofre, Benedito de Campos, (?), Norberto Antonio de Oliveira, Acacio Toledo, Adelino Mariano, (?), Casério Veronesi (grande colaborador do museu de São Caetano), Natalino Carifi, Faustino da Silva, Augusto Palazini (fiscal), Brizola, Luiz Nery, José Guilherme Dias, Luiz Peralta, José de Camargo, João Batista Azevedo Marques e Januário de Camargo (porteiro).

Reprodução-Maurício PAVAN



MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

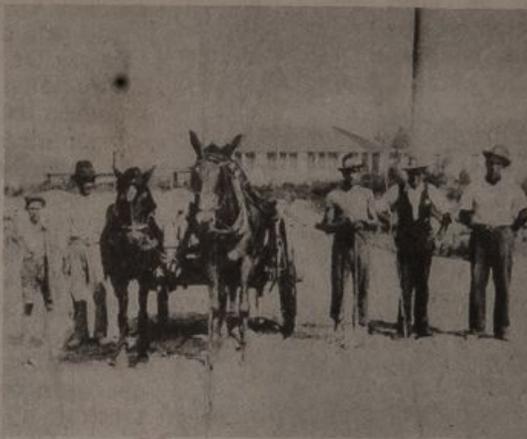
3/12/89

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:



## A várzea dos Ferrari



A várzea dos Ferrari é destes locais históricos que nunca deveriam ser eliminados. Mas o progresso - este danado - não tem escrúpulos. Avança sem dó e sem piedade, vai semeando o urbanismo, vai modificando paisagens, vai plantando loteamentos, fábricas, equipamentos. De repente a metamorfose toma conta dos lugares. Aconteceu com a várzea dos Ferrari, em São Caetano.

Os Ferrari têm história na cidade. Chegaram com os primeiros imigrantes italianos, no século passado e ajudaram a fundar São Caetano. Giusepe Ferrari foi o pioneiro. Ganhou uma colônia do governo imperial e pagou 60 mil réis pela escritura de doação da área que hoje equivaleria ao espaço formado entre as ruas Conceição, São Paulo, Espírito Santo e Guido Alberti. Ele veio da Itália em companhia da esposa Prima e de mais quatro filhos. A várzea dos Ferrari ficava na colônia.

A foto mostra a várzea. Aparecem, da esquerda para a direita, André Marinotti, Henrique Arnoud, Francisco Ferrari e Angelo Ferrari. Ali existia uma olaria, construída em 1917 por Arquinto Ferrari, filho de Giusepe e pai de Antonio Domingues Ferrari, que em 1977 contou a história do Bairro Santo Antonio na Série *A história dos bairros*, do *Diário do Grande ABC*.

Na infância de Antonio, havia um ciclo nas redondezas: estudar no centro ou no Bairro da Ponte (hoje Fundação), dançar no Cerâmica, rezar no Gonzaga... assistir a construção da primeira padaria, a padaria de João Rella, no também vizinho Monte Alegre. E reservar o Bairro Santo Antonio para trabalhar e morar.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

11/2/87

Cl:

Assunto:



## Mauá homenageia pesquisador



Foto-Arquivo Dgabc (24.8.85)

Moacyr Antonio Ferrari é um destes personagens que dá a vida por um fragmento que possa ajudar na recomposição de cenas que passaram, que não contam mais, que não dão manchete, que não influem no custo de vida nem nas manobras para eleger o próximo prefeito, por exemplo. Ou seja: Moacyr é um garimpeiro, que certa vez encontrou uma propaganda de um refrigerante qualquer, destas marcas antigas, grudada num velho armário de botequim. Que fez? Comprou o armário para preservar a propaganda.

Ele vive em Mauá. Nasceu em Mauá. É fotógrafo. Gasta muitos cruzados por mês para registrar situações de sua cidade e região. No dia em que Paranapiacaba foi tombada, Moacyr colocou uma bandeira de Mauá no seu jipe e foi pro distrito, prestar sua homenagem. Ele vivia atrás de uma carteirinha do seu Industrial e que pertencia a Anselmo Walendy, outro idealista da cidade. Só sossegou quando con-

seguiu a carteirinha. Hoje, em sua casa, na rua Princesa Izabel, centro de Mauá, existe um verdadeiro museu e arquivo histórico. Quem quiser conhecer a história do antigo Pilar tem que passar por lá.

Hoje à noite a Câmara Municipal de Mauá vai premiar Moacyr outorgando-lhe a medalha Visconde de Mauá, por iniciativa do presidente do Legislativo, Admir Jacomusi. Nada mais justo. Será às 19h. Além de pesquisador e fotógrafo, Moacyr Ferrari é vice-presidente da Comissão Memória de Mauá (foto, onde ele aparece no círculo). É também membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico da cidade e presidente da Comissão Memória do Industrial, cujo objetivo é lançar, no próximo ano, livro sobre a história do clube, o mais antigo de Mauá.